

Vida e obra de Martins Capella (Breve discurso a propósito da comemoração do centenário da 1.^a edição dos *Milliários*)

José Viriato CAPELA*

É com muito gosto que me associo à comemoração do centenário da edição dos *Milliários do Conventus Bracaraugustanus* de M. Capella, dados à estampa no final de 1895¹.

É de felicitar a iniciativa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho que, de um modo tão apropriado, resolveu comemorar a efeméride, reunindo especialistas universitários num colóquio para debater *A Rede Viária da Callaecia*.

Pedem-me uma evocação do Autor da obra para o início dos trabalhos. Tal solicitude, que muito nos honra, decorre certamente do facto de em estreita colaboração com a Câmara Municipal de Terras de Bouro, termos participado na reedição e breves apresentações de obras e escritos de M. Capella, designadamente na reedição fac-simile, em 1987, dos *Milliários*² e procedido à recolha, organização e publicação de alguns dos seus mais importantes *Escritos Dispersos*, em 1992, na evocação do 150.º aniversário do seu nascimento, que em conjunto a Câmara Municipal de Terras de Bouro e a paróquia de Carvalheira, sua terra natal, resolveram promover.

Outros melhor informados que eu, poderiam fazer esta evocação. E lembraria, de entre os seus biógrafos e estudiosos ainda vivos: o cónego bracarense A. Luís Vaz³, que no 1.º centenário do nascimento de M. Capella, em 1942, fez uma interessante “crítica” da vida e obra de M. Capella, e que foi depois de Júlio de Lemos⁴, o primeiro grande estudioso e divulgador do Autor; o Professor Doutor J. M. da Cruz Pontes, bracarense, professor da Universidade de Coimbra que nos círculos académicos e universitários vem estudando o seu pensamento filosófico em diversas publicações autónomas e artigos e, ultimamente, participou na edição dos seus *Escritos Dispersos*, com uma excelente síntese intitulada “Martins Capella. O escritor, arqueólogo e professor de filosofia”⁵. E também Monsenhor Adelino Afonso Salgado,

* Universidade do Minho.

¹ Na edição de Tip. Artur José de Sousa & Irmão, Porto, 1895.

² M. Capella – *Milliários...* Introdução à 2.^a edição por José V. Capela, pp. XXVIII-XXXI. Correspondência de M. Capella com A. Bellino.

³ A. Luís Vaz – *Mestre e Precursor* (Crítica da vida e obra do P. Martins Capella, no 1.º centenário do seu nascimento), Lisboa, Edições Gama, 1942.

⁴ Nas páginas do *Diário do Minho* em Março e Abril de 1929.

⁵ Padre Martins Capella – *Escritos Dispersos. Edição Comemorativa do 150.º Aniversário do seu nascimento*. Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992, pp. XXIX a LXX.

ex-arcipreste de Terras de Bouro que por todos os meios, não só entre o clero do arciprestado e da diocese, mas em todas as oportunidades, vem divulgando os escritos e a obra do Autor, por afinidades próximas e como detentor de algum espólio de M. Capella e nos *Escritos Dispersos*, nos apresenta a sua **Biografia**.

Ao promover esta iniciativa a comunidade científica histórico-arqueológica e epigráfica reflectirá sobre as raízes e os desenvolvimentos da especialidade com um dos seus fundadores modernos. E a Universidade do Minho, a quem os familiares doaram recentemente algum espólio com vista à sua guarda, estudo e divulgação mais alargada – onde a Unidade de Arqueologia se insere – contribuirá para divulgar uma figura marcante da cultura e de ciência da cidade onde se radica e onde M. Capella passou grande parte da sua vida, escreveu as suas obras e exerceu um profíquo magistério.

A obra de M. Capella é seguramente uma das companhias mais agradáveis e serenas, mas também culta e ilustrada, a quantos se pretendem embrenhar nos estudos, por vezes polémicos, violentos e sectários da História da política, e sobretudo da cultura portuguesa dos últimos 50 anos que ligam a Monarquia Constitucional à República de 1910, nas suas coordenadas europeias e portuguesas, mas sobretudo bracarenses⁶.

É uma viagem que rapidamente pretendo evocar, fixando os seus marcos cronológicos essenciais na vida e obra de M. Capella.

A obra científica e a mensagem cultural de Martins Capella tem corrido o risco de não ser entendida no seu conjunto e globalidade: os epigrafistas, os arqueólogos, os historiadores da arte, normalmente vêm relevando estes aspectos; os filósofos e historiadores da filosofia, da cultura e pensamento social relevando estes outros e isto apesar do esforço de alguns biógrafos para divulgar o conjunto e a unidade da sua obra nos diferentes domínios da Ciência e da Cultura, mas também da Política, da Pastoral e Acção Religiosa.

Mas perguntamo-nos se aquela dicotomia acima referida, correspondente às duas maiores abordagens da obra de M. Capella, não corresponderá, em certa medida, a dois momentos e etapas marcantes da sua vida e obra, que assim se insere profundamente nos problemas do seu tempo, como veremos, tal como nos perguntamos que tipo de continuidade e unidade existe entre elas, se de facto se verifica.

É o que tentaremos abordar a partir da análise à obra os *Milliários* onde nos parece claramente associar-se o plano das preocupações e reflexões morais e filosóficas com as mais propriamente técnicas e científicas, isto é, histórico-epigráficas e arqueológicas.

Convém, porém, antes de abordar esta questão, fixar as origens sociais e as matrizes da formação inicial do Autor, ainda que com brevidade, pois que elas condicionam toda a obra futura.

M. Capella, pelas suas origens sociais e por alguma tradição de família, desde cedo, está destinado e é orientado para uma formação eclesiástica. Os estudos eclesiásticos feitos no Seminário em Braga determinar-lhe-iam, desde logo, uma carreira religiosa, na cura paroquial.

⁶ Perspectiva geral em Manuel Augusto Rodrigues – “Problemática religiosa em Portugal no século XIX, no contexto Europeu”, in *O Século XIX em Portugal*, Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1979, pp. 437-458.

E foi o que logo fez uma vez ordenado presbítero. Mas a actividade docente logo se manifestou como vocação maior da sua função eclesiástica, certamente estimulado pela sua grande curiosidade científica e intelectual e pela dedicação ao estudo. Não são estranhos a esta predisposição os contactos que desde o início mantém e toda a vida manteria com a comunidade jesuítica portuguesa, sobretudo a bracarense.

O essencial da sua vida que mais profundamente se reflecte na sua obra científica e cultural, passa-se pois, no âmbito do ensino, público, eclesiástico e particular, em direcção ao qual, sem reservas nem partes desiguais, se dirige o seu trabalho de investigação e, inclusivé, uma parte significativa da sua intervenção sócio-política, em ambas as esferas. Aliás, do ponto de vista formal, a sua produção tem uma bem marcada feição pedagógico-didáctica, de marcada compleição e raiz escolástica, expressa em geral, no modo de arrumação e ordenamento das matérias, das ordens e planos do pensamento, servidos por um texto discursivo e acessível, avesso a todas as retóricas, presente aliás, também, no desenvolvimento e apresentação do texto dos *Milliários*.

Na 1.ª fase e etapa da produção de M. Capella relevam as preocupações epigráficas e por elas as arqueológicas e históricas.

É a hora do estudo apaixonado das epígrafes, sobretudo as do sistema viário romano, e, em particular, da *Via Nova* (Geira).

Corresponde à fase da sua estadia como pároco em Carvalheira, de 1875 a 1880, como professor no Colégio Particular da Formiga, em Ermesinde, de 1880 a 1885, onde lecciona História, Geografia, Filosofia e, também, Ciências e Física e Química – aquelas três primeiras afins aos seus objectos de investigação e estudo – o que lhe permitiu, primeiro, percorrer os territórios da sua investigação, particularmente a Geira, e depois consultar na B.P.M. do Porto, a produção especializada, antiga e a que ia surgindo sobre aqueles temas de estudo.

Os *Milliários*, expressão e síntese destes interesses, estarão prontos a publicar em 1889 – correspondendo a um período de mais de 20 anos de “gestação” – mas só virão a lume 6 anos mais tarde, em 1895, quando se encontrava já como professor no Liceu de Viana do Castelo, onde ingressara em 1888.

Conhecemos de perto alguns dos condicionamentos “intelectuais” de preparação e edição dos *Milliários*, em particular a influência de M. Sarmiento no incentivo, ajudas bibliográficas, estabelecimento de contactos e as de A. Bellino na ajuda próxima à edição da obra⁷.

E é conhecida, também, a excelente aceitação da obra, pelos especialistas, maiores e menores, na época. Por ela, de facto, M. Capella, entra pela porta grande nas comunidades científicas especializadas, nacionais e internacionais, e ganha uma grande autoridade no difícil meio arqueológico bracarense, que decorre também, seguramente, da sua autoridade moral. Nesse sentido, em 1897, será indicado para presidir ao Museu Arqueológico das Carvalheiras, que a Câmara de Braga quer instalar, tendo-se nele proposto congregar e reunir os diferentes partidos e personalidades bracarenses, ainda que sem êxito. Era, aliás, uma proposta, a necessidade de um museu para Braga, que ele fixara nos *Milliários*, em 1895.

A epigrafia, a arqueologia, a arte romana tomar-lhe-ão, aliás, já todos os sentidos e atenções na viagem que em 1877 faz a Roma – cuja descrição está repleta de transcrições e descrições

⁷ M. Capella – *Milliários...* int. 2.ª ed., L XVIII a XIX.

– e acabará por acentuar mais ainda a febre e doença epigráfica, histórica e arqueológica, dando forte alento às investigações e recolhas.

Os especialistas fixarão hoje melhor o significado e alcance da obra epigráfica de M. Capella, na já longa evolução destes estudos e a sua relação com a Arqueologia e a História.

Mas parece que está assente o papel pioneiro de M. Capella na renovação e inauguração da crítica epigráfica, com os meios que ele melhor conhecia e tinha à mão: o método histórico-comparativo e os seus largos e profundos conhecimentos do latim.

E se a inauguração da crítica epigráfica – ao lado do aparecimento e dos contributos da paleo-etnologia, do estudo sistemático da cultura castreja – é um dos principais vectores dos progressos e da abertura de uma nova fase, pós 1849 (Soc. de Arqueologia Lusitana) à arqueologia – como defende J. Leite de Vasconcelos, em 1890, num opúsculo em memória do arqueólogo Borges de Figueiredo⁸, que aliás M. Capella conhece e cita – então ele, certamente, será integrado no grupo dos maiores e mais autorizados renovadores da História e Arqueologia portuguesa da romanização.

Depois da publicação dos *Milliários*, da sua participação, contemporânea, nos esforços da criação de um museu epigráfico para Braga, tornam-se esparsas outras diligências na matéria⁹.

Mas seguramente de antes vem a grande mudança da suas preocupações e cuidados, que agora se viram para os estudos dos filósofos e, à medida que nos aproximamos do fim do século e do regime, para a reflexão (e polémica) político-social; certamente desde 1885, altura em que deixa Ermesinde, se instala em Braga e aí lecciona Filosofia, certamente Tomista, no Colégio do Espírito Santo.

A partir de então M. Capella integrar-se-á e empenhar-se-á, de pleno, no movimento de restauração e renascimento da filosofia tomista, cuja divulgação em Portugal se verifica desde 1869/70, com o grande centro de difusão em Coimbra e os agentes mais conhecidos, Ferreira Deusdado, Manuel Fernandes Santana, Silva Ramos e José Maria Rodrigues. Neste movimento, “inconfundivelmente”, o integra o professor Joaquim de Carvalho, em carta de agradecimento da oferta dos trabalhos a *Oportunidade da filosofia tomista, a Substância e os acidentes, a Noção sumaríssima dos princípios de ética*, e também os *Traços histórico-críticos da Filosofia em Portugal*, bem como a *Oração de sapientia*, que M. Capella lhe enviara em 1920¹⁰, textos que ao lado de outros marcantes do seu pensamento filosófico reunimos no volume *Escritos Dispersos*, já citado e que foram muitos deles publicados na imprensa católica da época. Nesta fase a sua vida decorre entre Viana e Braga: professor do Liceu de Viana de 1888 a 1896; depois, até ao *terminus* da sua carreira, no Liceu de Braga e no Seminário, onde leccionará a cadeira de Filosofia de S. Tomás, então criada pela portaria do Ministro da Justiça e anexa ao 1.º ano do curso Teológico.

A partir de 1888, com toda a força e vigor, as suas preocupações vão todas no sentido da promoção do conhecimento e do ensino da Filosofia Tomista em Braga e nos Seminários em

⁸ Leite de Vasconcelos – *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa*, Lisboa, 1890.

⁹ Em 1907 virá em defesa da Igreja dos Remédios sobre ela publicando uma pequena brochura. *Em lembrança da extinta Igreja dos Remédios de Braga*, Braga, 1911, é uma pequena introdução ao manual do Padre Manuel d’Aguir Barreiros – *Elementos d’Archeologia e Bellas Artes*, Braga, Empresa Henriquina, 1917.

¹⁰ Carta publicada em *Escritos Dispersos*.

geral: publica textos doutrinários e históricos sobre a matéria, multiplica-se em conferências de divulgação¹¹, equipa as bibliotecas com bibliografia afim, e pretende reorganizar os Estudos nos Seminários – para o que faz em 1900 uma longa viagem pelos seminários europeus – fixando os manuais mais aconselhados bem como a pedagogia e a didáctica com a prática escolástica das Sabatinas.

À medida que se avança para o fim do século e sobem de tom as polémicas filosóficas, doutrinárias e sócio-culturais entre os valores tradicionais monárquico-católicos e a nova ordem social e republicana, M. Capella não deixa também de intervir pelo seu lado, sobretudo na imprensa católica, com textos virados à defesa do Cristianismo e sua ordem política e social nos domínios e matérias mais fortemente atacadas pela imprensa e círculos políticos laicos e republicanos mais anti-eclesiásticos: em defesa da Igreja, da Companhia de Jesus, dos Seminários, do clero e do estado religioso, da educação, ensino e escola católica, enfim dos valores e moral cristã, onde a doutrina e a filosofia de S. Tomás deverão ganhar, em sua perspectiva, plena actualidade e aplicação.

Desde 1900 está em marcha uma nova etapa na vida de M. Capella que se afirmará depois de 1910 com a vitória do Regime Republicano e que significará o regresso definitivo à terra – que verdadeiramente começara a abandonar quando com 10 anos de idade saíra para estudar latim na freguesia vizinha de Covide, do mesmo concelho de Terras de Bouro – encerrando o já longo ciclo de investigação e de estudo, do ensino e da intervenção político-social.

Começará em 1902 a construção do Monumento a Bom Jesus da Mós; em 1903 deixa o Liceu e pretende abandonar o Seminário, por questões de saúde e para dar lugar aos novos, refere. Tem nesta altura 62 anos. Abandonará, porém, o Seminário, definitivamente, em 1912 “não pelo estado feio das coisas, como por sentir as forças decair”, anotarà no seu **Diário**. A sua actividade continua voltada para a escrita. Agora a calma da vida da aldeia – até que a saúde lhe permita (até 1919) – dá lugar à prosa literária, de sabor autobiográfico, escrevendo reminiscências da juventude, descrições da terra natal, cenas de vida campestre e aldeã, balanços de vidas dos que se foram e vão finando, incluindo a sua, que se extinguirá em 1925 e cujo **Diário** começara a escrever.

A análise da produção bibliográfica de M. Capella parece, pois, claramente dividida em dois grandes conjuntos (ou 3 se nele fizermos intervir a fase pós 1910) que corresponde a 2 momentos da sua vida: a 1.ª fase, da epigrafia, da arqueologia e da história, mais virada para o estudo das antiguidades romanas; a 2.ª fase filosófico-social, virada para a tarefa da renovação espiritual e social pelo renascimento da filosofia de S. Tomás, adentro do movimento europeu pós 1878¹².

Mas uma questão é de pôr: mudaram-se assim tão radicalmente os seus interesses e preocupações culturais entre a 1.ª fase e a 2.ª fase? Não existe continuidade alguma entre o plano do estudo e da descrição da cultura material do império romano e suas estruturas de dominação e cultura espiritual na síntese tomasina da Cristandade mediéfica que estuda naquela 2.ª etapa?

¹¹ Os textos essenciais foram publicados nos *Escritos Dispersos*, o. c., pontos 3 e 4, pelo que se torna desnecessário dar aqui deles uma listagem.

¹² Manuel Augusto Rodrigues – “Problemática religiosa em Portugal”, art. cit., p. 452.

Pensamos que sim e essa continuidade constituiu mesmo aliás, o tema essencial de os *Milliários*, como pretendemos salientar. Com efeito se atentarmos bem na estrutura e desenvolvimento desta obra, o estudo das epígrafes, serve essencialmente o estudo do apogeu e crise do Império Romano e no seu desenvolvimento, o da implantação da nova cultura e civilização cristã. O texto e a descrição dirige-se quase finalisticamente a este último e às vezes parece o principal objectivo de estudo, a saber, as condições, as bases, as matrizes do aparecimento de uma nova Sociedade, uma nova Cultura, o novo Império Cristão sobre as ruínas do Império e Cultura Pagã. Por isso o texto é percorrido por largas e demoradas descrições sobre a progressiva e lenta decadência da civilização romana e sua absorção e substituição pela civilização cristã.

A própria evolução caligráfica das epígrafes traz, segundo ele, as marcas dessa decadência, quando compara a elegância, o apuro dos traços, a disposição das palavras e a pontuação, das fases iniciais do apogeu do Império com o mau desenho gráfico da etapa final. E depois no capítulo III sobre os **Traços histórico-biográficos e respectivos epígrafes militares**, o texto histórico que antecede a descrição das epígrafes vai, em regra, desenvolvido em dois registos: um primeiro que descreve, imperador a imperador, as diferentes fases da decadência romana; um segundo registo é o relato das vicissitudes do aparecimento, afirmação e final vitória do cristianismo. Permitam-me que siga, citando o original, as descrições desse desenvolvimento histórico, a contra-ponto: com Augusto (23 a.C.-14 d.C.): “Que contraste entre a moral d’este divo Augusto viva imagem de um mundo que se vai, e a doutrina de Aquelle que por esse tempo nascia em Belém, divino informador de um mundo novo!”¹³; com Tibério (14-37): “Enquanto o mundo todo à compita requeria no senado a honra de levantar templos ao César morto, e o vivo consumia na ilha de Caprea em passatempos vergonhosos os últimos anos de uma velhice infame e sem entranhas –, pregava Jesus o filho da Virgem pelos burgos e cidades da Palestina a Boa Nova; e acarinhava as crianças, curava os enfermos, recebia os pecadores, ressuscitava os mortos e por amor dos homens deixava-se por elles pregar numa cruz. O Calvário e Caprea, Jesus de Nazaré e Tibério, são aproximações quase sacrílegas; tão duro é o contraste”; com Cláudio (11-54): “Fugitivos sintomas de vida nova transparecem na História por esse tempo”: refere-se à vinda de Pedro a Roma a pregar, depois o seu martírio e as primeiras expulsões dos cristãos de Roma¹⁴; com Nero, incendiário de Roma é a acusação dos cristãos, as crucificações, enfim, a abertura da série das dez grandes perseguições¹⁵. Se Nerva (96-98) suspende as perseguições aos Cristãos, elas voltam a recrudescer com Trajano (97-117) e sobretudo Adriano. No tempo de Trajano é o registo da grande multiplicação dos cristãos: “Muitas pessoas de toda a idade e condição, de ambos os sexos estão cada dia sendo implicadas neste crime” (de reunião-associação cristã). E nem só as cidades, também os burgos e as aldeias estavam infestadas do contágio desta superstição, como informava Plínio o Moço em carta ao Imperador¹⁶. No tempo de Adriano, refere M. Capella, mais que as perseguições “sofria a Igreja dos erros dos gnósticos, dos ataques dos sofistas pagãos e calúnias dos

¹³ *Milliários*, p. 82.

¹⁴ *Milliários*, p. 86.

¹⁵ *Milliários*, p. 102.

¹⁶ *Milliários*, p. 113.

noveleiros”. E ligando aos problemas do tempo em que escreve, acrescenta: “Como agora em certa imprensa, corriam então contra os cristãos as mais estrambóticas acusações”¹⁷; mas já desde Caracala, Maximino e Máximo, o Cristianismo ganhava então a grande maioria do povo. No tempo de Tácito (275-276) contrapõe a um “povo perdido de costumes” o romano, “a gente cristã na firmeza de carácter, desprendimento e sobriedade, caridade operosa e inexgotável, e constância no martírio”¹⁸. Então à provocação do martírio houve a Igreja de adicionar passivamente a da luta contra o sofista... os heréticos... o dualismo gnóstico e cito, “reaparecido na Idade Média entre os Valdenses e Albigenses e hoje mesmo – atenta-se de novo a transposição dos problemas dos tempos em que escreve – mais ou menos disfarçado entre franc-mações nas altas vendas”¹⁹. Com Diocleciano, “ia já sendo empregnada dos ideais cristãos a atmosfera social, quando se verificavam as últimas perseguições”. Finalmente, com Constantino, chega a paz e a liberdade, bem como o convívio social e o reconhecimento da entidade jurídica da Igreja.

Na sua descrição da viagem a Roma, em 1877, melhor se entenderá o sentido já então bem definido das suas intenções e preocupações. Em Roma, diz ele, “pelo Panteon comecei as minhas visitas deromeiro e viajante e determinei comigo que não veria S. Pedro do Vaticano sem primeiro contemplar as relíquias da civilização romana (...)”. Isto é, a observação fez-se a contra-ponto, dos monumentos das duas grandes civilizações em confronto, a romana e a cristã que se sucederam e substituíram, uma que se constrói sobre os escombros de outra, a cultura pagã que cede lugar à cultura e civilização cristã, esta “a Herdeira de civilidade romana em quanto possuía de bom, tirando a moral falsa e a dogmática extravagante, foi a Igreja a grande mãe das sociedades modernas”²⁰.

É para este período de transição de formação da Igreja primitiva e de uma nova sociedade que ele volve fundamentalmente o seu interesse: o estudo das inscrições dos primeiros tempos do cristianismo polarizariam, certamente, as suas preocupações e interesses, se as inscrições epigráficas da viação militar se lhe não atalhassem no caminho.

A filosofia de S. Tomás fora então capaz de fazer a síntese dos valores da cultura antiga e clássica com as do Cristianismo e formar um novo império, uma nova civilização, a Cristandade.

Era, por isso, a esta filosofia e seus valores a que ele quer regressar para combater a decadência e a crise provocada pelo liberalismo, pelo racionalismo, pelo positivismo e pelo socialismo; sapor definitivamente a influência nefasta ainda visível da Escola do Genuense (A. Genovesi) e restaurar a influência dos Jesuítas, dos Conimbricenses e com eles a Filosofia de S. Tomás.

Por isso ganham grande relevo as suas preocupações filosóficas que podem bem ser entendidas adentro da evolução da conjuntura político-social e cultural portuguesa e geral desse último quarto de século XIX, expressas na sua formação e convicções religiosas e espirituais e modeladas pelo enquadramento eclesiástico, clerical mas também das instituições pedagógi-

¹⁷ *Milliários*, p. 124.

¹⁸ *Milliários*, p. 190.

¹⁹ *Milliários*, p. 191.

²⁰ *Milliários*, pp. 43 a 44.

cas em que se desenvolve a sua vida em Braga²¹.

A obra os *Milliários*, é pois muito mais que a recolha de relíquias de epigrafia, trasladados dos próprios documentos – como se refere em sub-título da obra – para a área do *Conventus Bracaraugustanus*.

Ela trata, ao nível do registo histórico a decadência do império e civilização romana, desde Augusto e a emergência e afirmação do novo império e civilização cristã, que se persegue fundamentalmente, que às vezes parece o objectivo e o *ductus* principal da obra. Parece ser essa aliás a função do estudo da epigrafia romana, cujas epígrafes nos títulos dos seus imperadores servem de pretexto para invocar a história romana, porque ainda que possam influenciar a estrutura narrativa do texto dificilmente se pode imaginar como possam influenciar o seu discurso historiográfico. Isto naturalmente, porque a História Romana, nas fontes clássicas e historiográficas que utiliza, no que diz respeito à Epigrafia tão só lhe servem para a sua correcta leitura e crítica epigráfica.

Mas no que diz respeito à Arqueologia e à História da Arte já é bem mais explícita a sua função, que ele definirá assim, em 1917 (um dos últimos textos que escreveu) no prefácio a obra do P. Aguiar Barreiros: “Os dados da arqueologia pagã são imprescindíveis para o reconhecimento da história antiga e história eclesiástica”. “E não é este o seu único préstimo, nem por ventura o melhor, se não que, iniciando a mocidade escolar dos seminários na apreciação da arte Christã, volve-se um elemento educativo criando amor aos monumentos e por ele ao ideal Christão dos tempo heroicos”.

Ideal Cristão dos tempo heróicos que é necessário recobrar nos tempos modernos. Daí os dois planos contíguos da obra de M. Capella presentes nos *Milliários*, mas também entre o plano dos estudos da Epigrafia e da Arqueologia, “tout court” e o da Filosofia de S. Tomás.

Os *Milliários* sendo uma obra de ciência, são também, claramente, uma obra de combate.

²¹ Marie Christine Volovitch – “Quelques aspects importants du catholicisme social au Portugal entre 1890 et 1910”, in *Utopie et Socialisme au Portugal au XIX siècle. Actes du Colloque*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1982, pp. 207-257.